

**ERIC H. CLINE**

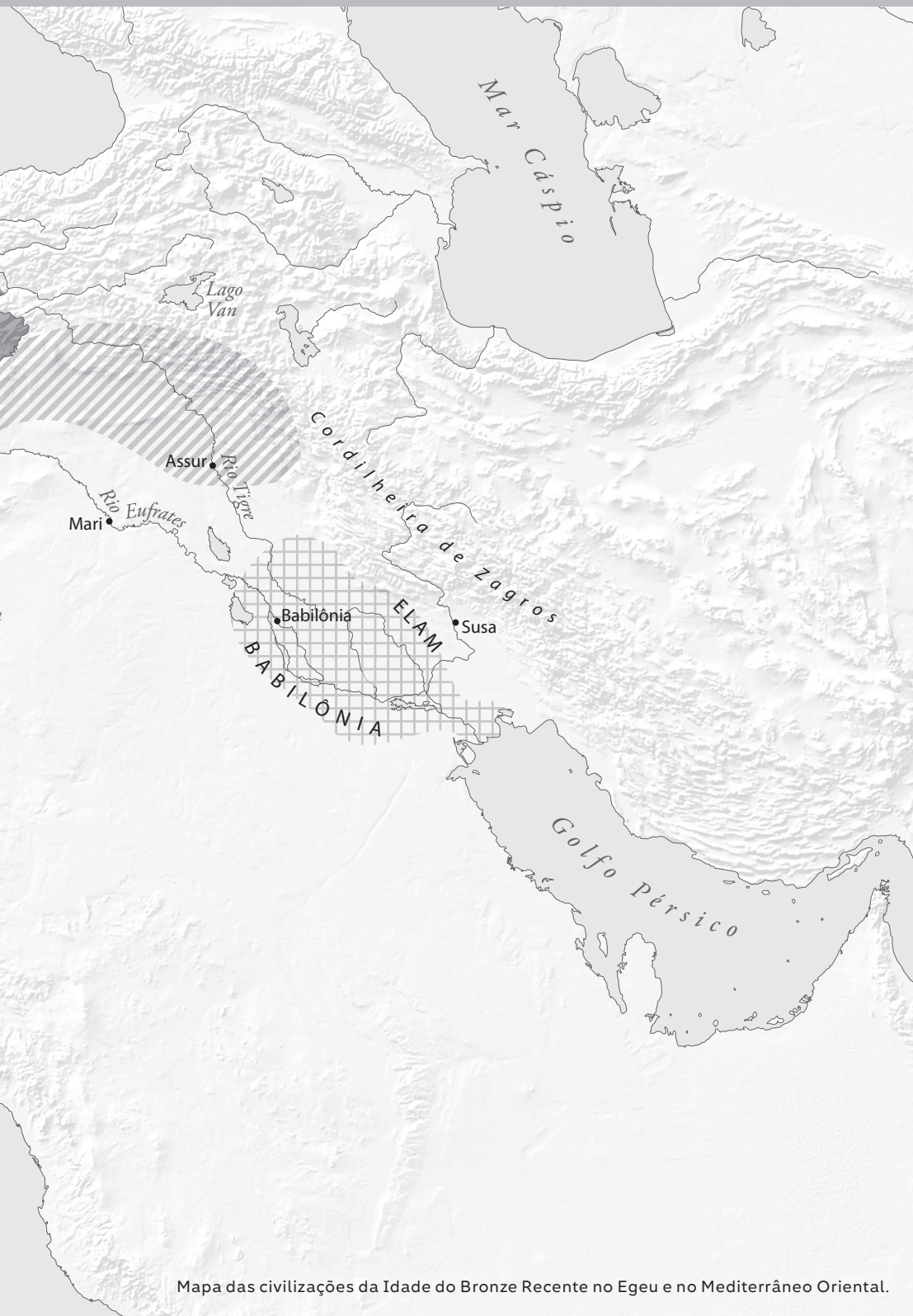
# **1177** **A.C.**

**O ANO EM QUE A CIVILIZAÇÃO  
ENTROU EM COLAPSO**

**EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA**







Mapa das civilizações da Idade do Bronze Recente no Egeu e no Mediterrâneo Oriental.

*Dedicado a James D. Muhly, que passou  
quase meio século debatendo essa questão  
e apresentando-a a seus alunos.*



# SUMÁRIO

---

Prefácio do organizador da série . . . . .	11
Prefácio do autor à edição revisada e atualizada . . . . .	
<b>INTRODUÇÃO</b> — O colapso das civilizações: 1177 a.C. . . . .	19
<b>CAPÍTULO 1</b>	
Ato I — De armas e do homem: O século XV a.C. . . . .	31
<b>CAPÍTULO 2</b>	
Ato II — Um acontecimento (egeu) para recordar: O século XIV a.C. . . . .	59
<b>CAPÍTULO 3</b>	
Ato III — Lutando pelos deuses e pelo país: O século XIII a.C. . . . .	86
<b>CAPÍTULO 4</b>	
Ato IV — O fim de uma era: O século XII a.C. . . . .	115
<b>CAPÍTULO 5</b>	
Uma “tempestade perfeita” de calamidades? . . . . .	150
<b>CAPÍTULO 6</b>	
Povos do Mar, colapso dos sistemas e teoria da complexidade . . . . .	182
<b>EPÍLOGO</b> — O desfecho. . . . .	196
Agradecimentos . . . . .	203
Personagens . . . . .	205
Notas . . . . .	208

Prefácio do organizador da série . . . . .	11
Prefácio do autor à edição revisada e atualizada . . . . .	
<b>INTRODUÇÃO</b> — O colapso das civilizações: 1177 a.C. . . . .	19
<b>CAPÍTULO 1</b>	
Ato I — De armas e do homem: O século XV a.C. . . . .	31
<b>CAPÍTULO 2</b>	
Ato II — Um acontecimento (egeu) para recordar: O século XIV a.C.. . . . .	59
<b>CAPÍTULO 3</b>	
Ato III — Lutando pelos deuses e pelo país: O século XIII a.C.. . . . .	86
<b>CAPÍTULO 4</b>	
Ato IV — O fim de uma era: O século XII a.C.. . . . .	115
<b>CAPÍTULO 5</b>	
Uma “tempestade perfeita” de calamidades? . . . . .	150
<b>CAPÍTULO 6</b>	
Povos do Mar, colapso dos sistemas e teoria da complexidade . . . . .	182
<b>EPÍLOGO</b> — O desfecho. . . . .	196
Agradecimentos . . . . .	203
Personagens . . . . .	205
Notas . . . . .	208

## PREFÁCIO DO ORGANIZADOR DA SÉRIE

---

Este livro é parte integrante de uma série intitulada Pontos de Ruptura na História Antiga. Cada livro da série contempla um acontecimento crucial ou um ponto decisivo no mundo antigo. Sempre voláteis e frequentemente dramáticos, esses foram momentos nos quais a história tomou uma nova direção. Famosos ou desprezados, são acontecimentos importantes. Nosso objetivo é investigar por que importam, e como importam, e também quando importam. Os autores da série são estudiosos que sabem como contar uma história, e narradores que têm ao seu dispor as pesquisas mais recentes.

A série Pontos de Ruptura na História Antiga reflete tendências amplas no mundo antigo. Cada livro incorpora arqueologia e textos clássicos, isto é, combina evidência material e cultura literária. Esses livros destinam-se do leitor comum ao especializado. A série não se limita estritamente ao mundo greco-romano, embora esse seja certamente o seu tema principal. Nós também estudamos povos vizinhos da Grécia e de Roma, povos não greco-romanos em terras greco-romanas e civilizações e povos no mundo antigo de modo geral, tanto no Oriente como no Ocidente.

Esse é um tempo empolgante para a história antiga. Mais do que nunca, nós agora nos damos conta de que a compreensão do passado antigo é essencial para a compreensão do presente, e é simplesmente fascinante.

Poucos eventos tiveram impacto maior na evolução do mundo antigo do que o final da Idade do Bronze. Foi nesse período que os grandes reinos e cidades-Estado da pré-história caíram. Eles deixaram para trás monumentos impressionantes, tais como as pirâmides e contos dos quais se tem uma vaga lembrança, como aqueles que foram reformulados na saga da Guerra de Troia. Para aqueles que sobreviveram a esse período, a calamidade parecia ser o fim do mundo. Contudo, o fim dos gigantes estados palacianos da Idade do Bronze abriu as portas para o crescimento de um novo



mundo numa escala mais humana, o do primeiro milênio a.C., um mundo com o qual ainda temos familiaridade nos dias de hoje.

*1177 A.C.: O ano em que a civilização entrou em colapso* começa com a invasão do Egito pelos Povos do Mar em 1177, e prossegue avançando e retrocedendo no tempo. Leva-nos ao final da Idade do Bronze, para os dias de glória do século XVI a.C., e analisa uma gama de civilizações da Mesopotâmia à Grécia, e de Israel aos hititas. Em seguida, avança ao longo dos séculos abordando processos, pessoas e eventos que abalaram o mundo. Por toda parte, as evidências podem ser fortemente sentidas. A abundância de detalhes é tão impressionante quanto o ataque à cidade portuária síria de Ugarit por volta de 1190 a.C., e tão profunda quanto a tomografia computadorizada do esqueleto do rei Tut e a infecção após uma perna quebrada que provavelmente o matou.

Com vigor, humor e senso dramático, Eric Cline explora as similaridades entre o final da Idade do Bronze e nosso próprio tempo, das crises econômicas e da alteração climática à guerra no Oriente Médio. O ano de 1177 a.C. pode não nos ser familiar, mas merece ser.

*Barry Strauss*

## PREFÁCIO DO AUTOR À EDIÇÃO REVISADA E ATUALIZADA

---

No início de 2020, enquanto eu trabalhava na revisão deste livro, vi uma manchete no *The Guardian*: “Humanidade sob ameaça de grande onda de crises”. “O mundo está enfrentando uma série de emergências interligadas que ameaçam a própria existência dos humanos”, escreveu a jornalista ambiental Fiona Harvey. Ela estava divulgando os resultados de uma pesquisa realizada por 222 cientistas renomados de 52 países. Eles chegaram à conclusão de que há um grande número de emergências significativas diante de nós hoje: mudança climática com eventos meteorológicos extremos; perda de espécies; escassez de água; e ainda crise de produção de alimentos. Particularmente preocupante, disse ela, é que “a combinação de todos esses elementos... aumenta os riscos de cada um, criando uma tempestade perfeita que ameaça tragar a humanidade a menos que medidas sejam tomadas rapidamente”.<sup>1</sup>

Eu considerei isso preocupante, é claro, mas também intrigante, pois as circunstâncias atuais descritas nesse alerta têm muitas semelhanças com o período de 1177 a.C., mais de 3 mil anos atrás, quando as civilizações Mediterrâneas da Idade do Bronze entraram em colapso uma após a outra, mudando o curso da história. Colapsos claramente catastróficos aconteceram antes; isso poderia acontecer novamente?

Essa é uma pergunta que venho fazendo a mim mesmo desde 2014, quando a primeira edição deste livro foi publicada. Acredito há muito tempo que a resposta para essa pergunta é sim; é questão de *quando* vai acontecer, não de *se*.

Além disso, a pandemia de covid-19 sobreveio com força total, com efeitos devastadores pelo mundo inteiro, deixando milhões de pessoas infectadas e cerca de 15 milhões de mortos. Ainda não são conhecidos os reais efeitos dessa pestilência sobre a tempestade perfeita de outros fatores de estresse que afetam nosso mundo globalizado. Mas já é evidente que a futura história da vida nesse planeta mudará, talvez tão

absolutamente quanto a vida mudou nas regiões do mar Egeu e do Leste do Mediterrâneo cerca de 3200 anos atrás. Agora, porém, as mudanças que se avizinham não se limitam a essas áreas somente — o alcance dessas mudanças é global.

Na primeira edição deste livro, argumentei que o ano de 1177 a.C. foi um momento fundamental na história da civilização — um divisor de águas para o mundo antigo. Naquela época, a Idade do Bronze no Egeu, no Egito e no Oriente Próximo durou quase 2 mil anos, desde aproximadamente 3000 a.C. até pouco depois de 1200 a.C. Quando o fim chegou, depois de séculos de evolução tecnológica e cultural, a maior parte do mundo civilizado e internacional das regiões do Mediterrâneo parou de maneira drástica numa vasta área que se estendia do que agora é a Itália até o Afeganistão, e da Turquia até o Egito. Grandes impérios e pequenos reinos, que haviam levado séculos para se desenvolver, desmoronaram rapidamente — dos micênicos e cretenses aos hititas, assírios, babilônicos, mitanianos, cipriotas, canaanitas e até egípcios.

Com o seu fim surgiu um período de transição, descrito frequentemente por estudiosos como a primeira Idade das Trevas do mundo. Apenas séculos mais tarde é que emergiu um novo renascimento cultural na Grécia e nas outras áreas afetadas, preparando o terreno para a evolução da sociedade como a conhecemos nos dias atuais.

Essas civilizações da Idade do Bronze e os fatores que levaram à sua derrocada tiveram lugar há mais de três milênios, e por esse motivo muitos consideram que pouco existe de relevante nisso para nós nos dias de hoje, e que não há uma comparação válida a fazer entre o mundo do final da Idade do Bronze e nossa atual cultura baseada na tecnologia. Contudo, há mais semelhanças entre as duas eras do que se imagina. Por exemplo, no Egeu e no Mediterrâneo Oriental do final da Idade do Bronze havia embaixadas e embargos comerciais; casamentos grandiosos e divórcios desagradáveis; intrigas internacionais e desinformação militar premeditada; rebeliões e migrações; alterações climáticas, entre as quais a seca.

Após quase uma vida inteira de estudos sobre a Idade do Bronze, acredito que examinar atentamente os acontecimentos, pessoas e lugares de uma era distante de nós mais de 3 mil anos é mais do que somente um exercício acadêmico relacionado ao estudo da história antiga.<sup>2</sup> É especialmente relevante agora, considerando o que todos nós temos enfrentado recentemente em nossa própria sociedade globalizada e transnacionalizada, onde também encontramos embaixadas complexas (Coreia do Norte) e embargos econômicos (China); casamentos reais magníficos (William e Kate; Harry e Meghan); intrigas internacionais e desinformação militar premeditada (Ucrânia); rebeliões (Primavera Árabe) e migrações (refugiados sírios); e, é claro, mudanças climáticas e pestes (covid-19).

Tenho a forte suspeita de que no futuro os historiadores verão o ano de 2020 como outro momento crucial na história. Está claro que, em nossa economia global, as fortunas e os investimentos dos Estados Unidos e da Europa estão inseparavelmente interconectados num sistema internacional que também envolve a Ásia Oriental e as nações produtoras de petróleo do Oriente Médio. E se nós estivermos bem no início de outra tempestade perfeita de fatores de tensão em nossas sociedades interconectadas? Embora a maior parte das pessoas tenha sobrevivido à pandemia de covid-19, as suas implicações, na economia e em outras áreas, provavelmente serão sentidas durante um longo tempo. Além disso, embora possamos tentar retardar a mudança climática, alguns efeitos dessa mudança certamente já são irreversíveis, e a fome já se alastrou no mundo desenvolvido. Será que outros eventos calamitosos nos aguardam? Lembre-se de que o Apocalipse tem outros cavaleiros além da Peste e da Fome. Teremos resistência suficiente para superar tudo o que for lançado contra nós, seja o que for, ou caminhamos para o colapso de vários elementos da nossa complexa sociedade global?

Segundo Joseph Tainter, autor do livro *The Collapse of Complex Societies* [O colapso das sociedades complexas], “o colapso é fundamentalmente a perda súbita e acentuada de um patamar estabelecido de complexidade sociopolítica”.<sup>3</sup> Foi exatamente o que aconteceu em 1177 a.C. Contudo, é preciso observar que discutir “colapsos” e comparar a ascensão e a queda de impérios não é algo novo; estudiosos fazem isso desde os idos de 1700 pelo menos, quando Edward Gibbon escreveu a respeito da queda do Império Romano. Um exemplo mais recente é o livro *Collapse* [Colapso], de Jared Diamond.<sup>4</sup> Mas Gibbon e Diamond investigaram o que levou um único império ou uma única civilização a chegar ao fim — os romanos, os maias, os mongóis, e assim sucessivamente. Aqui, por outro lado, levamos em conta um sistema globalizado na antiguidade, com várias civilizações todas interagindo uma com as outras e ao menos parcialmente dependentes entre si. Na história, existem poucos exemplos de tais sistemas mundiais globalizados; o sistema que vigorou durante o final da Idade do Bronze e o que vigora hoje são dois dos exemplos mais óbvios, e os paralelos — “comparações” talvez seja um termo melhor — entre eles chegam a ser intrigantes algumas vezes.

Carol Bell, uma acadêmica britânica, observou que “a importância estratégica do estanho na Idade do Bronze Recente [...] provavelmente não era muito diferente da importância estratégica do petróleo bruto nos dias de hoje”.<sup>5</sup> Naquele tempo, acredita-se, o estanho estava disponível em grandes quantidades na região do Badaquistão, no Afeganistão, e precisava ser transportado por terra até determinados locais na Mesopotâmia (atual Iraque) e no norte da Síria, de onde era distribuído para pontos mais distantes ao norte, sul e oeste, e até avançando pelo mar para o Egeu. Bell prossegue: “O acesso a estanho em quantidade suficiente para produzir [...] armas com

bronze de qualidade deve ter sido um motivo de preocupação para o Grande Rei em Hatusa e para o Faraó em Tebas, assim como o fornecimento de gasolina para os motoristas norte-americanos de veículos utilitários a um custo razoável preocupa um Presidente americano hoje em dia!”.<sup>6</sup>

Susan Sherratt, arqueóloga que já trabalhou no Museu Ashmolean em Oxford e agora trabalha na Universidade de Sheffield, começou a defender tal comparação cerca de vinte anos atrás. Ela observou que existem algumas “analogias genuinamente úteis” entre o mundo de 1200 a.C. e o mundo atual, incluindo um aumento na fragmentação política, social e econômica, além da condução de intercâmbio direto em “níveis sociais sem precedentes e cobrindo distâncias sem precedentes”. É muito importante a sua observação de que a situação no final da Idade do Bronze Recente proporciona uma analogia para a nossa própria “economia e cultura globais cada vez mais homogêneas ainda que incontroláveis, nas quais... incertezas políticas em um lado do mundo podem afetar drasticamente as economias de regiões a milhares de quilômetros de distância”.<sup>7</sup>

O historiador Fernand Braudel disse certa vez: “A história da Idade do Bronze pode sem dúvida ser escrita de forma dramática: é repleta de invasões, guerras, pilhagem, desastres políticos e colapsos econômicos de longa duração, ‘os primeiros conflitos entre povos’”. Ele também sugeriu que a história da Idade do Bronze pode ser escrita “não apenas como uma saga de drama e violência, mas como uma descrição de conexões mais cooperativas: comerciais, diplomáticas (mesmo nesse tempo) e principalmente culturais”.<sup>8</sup> As sugestões de Braudel foram levadas a sério, e desse modo eu passo a apresentar a história (melhor dizendo: as histórias) da Idade do Bronze Recente como uma peça em quatro atos, com a narrativa apropriada e flashbacks para fornecer os devidos contextos para a introdução de alguns dos atores principais no momento em que fazem sua primeira aparição nos palcos do mundo e então saem de cena: de Tudália dos Hititas e Tuserata de Mitani a Amenófis III (Amenhotep III em egípcio antigo) do Egito e Assurubalite da Assíria (no final do livro há um glossário, “Personagens”, para aqueles que quiserem consultar nomes e datas).

Nossa narrativa, entretanto, também terá traços de trama policial, com várias reviravoltas, pistas falsas e dicas relevantes. Para citar Hercule Poirot, o célebre detetive belga criado por Agatha Christie — que foi casada, diga-se de passagem, com um arqueólogo —, nós teremos de “pôr a cabeça para funcionar” a fim de interligar as várias vertentes de evidências no final desta crônica, enquanto tentamos descobrir por que um sistema internacional estável subitamente desmorona após ter se desenvolvido durante séculos.

De mais a mais, a fim de compreendermos de fato o que entrou em colapso em 1177 a.C. e por que esse momento foi tão decisivo na história antiga, devemos

começar antes dessa época, assim como alguém retrocederia ao século XVIII d.C. e começaria a investigar o auge do período do Iluminismo, a Revolução Industrial e a fundação dos Estados Unidos se quisesse realmente entender as origens do atual mundo globalizado. Embora eu esteja interessado principalmente em examinar as causas possíveis do colapso das civilizações da Idade do Bronze nessa região, eu também levanto uma questão: o que o mundo perdeu nesse momento crucial, quando os impérios e reinos do segundo milênio a.C. desabaram. Também quero saber a que ponto foi interrompida a civilização nessa parte do mundo, regredindo por séculos em alguns lugares, e alterada de maneira irremediável. A magnitude da catástrofe foi enorme — uma perda que o mundo não veria novamente até a queda do Império Romano, mais de quinhentos anos depois.

A edição revisada de *1177 a.C.* atualiza tanto a versão original, lançada em 2014, como a brochura com um novo epílogo, de 2015. As principais mudanças estão na parte final do livro, que foi ampliada e reorganizada, mas também há alterações e acréscimos nos outros capítulos.<sup>9</sup>

Os novos dados são em sua maioria descobertas textuais e científicas relacionadas ao Colapso que surgiram desde a publicação da primeira edição desse livro. Esses dados incluem textos adicionais da região de Ugarit, no norte da Síria, publicados em 2016, alguns dos quais mencionam especificamente invasores próximos e fome na cidade pouco antes de sua destruição. Há também um novo e muito importante estudo de DNA (publicado em julho de 2019) de sepulturas encontradas na cidade filisteia de Ashkelon que data do final do século XII a.C. Os resultados parecem indicar que os filisteus, que faziam parte dos Povos do Mar, migraram de fato do Egeu ou do oeste do Mediterrâneo, segundo os mais prováveis modelos genéticos. Há também novos dados de estudos de sedimentos de lago, de estalagmites em cavernas e de sondagem de lagos e lagoas, em regiões que se estendem da Itália e da Grécia até Turquia, Síria, Líbano, Israel e Irã. Tudo aponta de maneira ainda mais conclusiva para a ocorrência de uma gigantesca seca que teve grave impacto sobre grande parte do Egeu e do Mediterrâneo Oriental; essa seca teve início por volta de 1200 a.C. e durou de 150 a trezentos anos.

Encerro este prefácio reafirmando minha crença de que é de nosso interesse atentar para o que aconteceu aos prósperos reinos do Egeu e do Mediterrâneo Oriental durante o Colapso no final da Idade do Bronze. Nós não estamos tão afastados desses dias quanto pensamos; a covid-19 expôs uma vulnerabilidade das sociedades modernas a uma força da natureza. A história que aqui se desenrola tem, portanto, o seu fascínio inerente, mas também nos adverte a respeito da fragilidade do nosso próprio mundo.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM ABRIL DE 2023